



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II À CONFERÊNCIA EPISCOPAL DO PACÍFICO EM VISITA «AL LIMINA APOSTOLORUM»

5 de Dezembro de 1998

Eminência Caros Irmãos Bispos!

1. «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida» (1 Jo 1, 1) - este é o nosso tema.

Com particular intensidade durante estes dias da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Oceânia, dirigimos o nosso pensamento ao Verbo da vida, Jesus Cristo, que nos chamou a ser Pastores do Seu povo e, no Seu nome, a pregar o Evangelho da salvação até aos confins da terra. Também a vossa visita «ad limina Apostolorum» significa, num certo sentido, confiar-Lhe a vossa missão entre os povos do Pacífico. Ao saudar-vos, membros da Conferência Episcopal do Pacífico, presto glória a Deus porque nas ilhas do mar ouvimos o cântico de louvor no nome do Senhor (cf. Is 24, 15-16).

Durante a vossa visita «ad Limina» ides para além do tempo, quando orais junto dos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo e reconheceis o vínculo de fé que vos liga, a vós e ao vosso povo, ao testemunho do seu Evangelho; e o próprio espaço desaparece quando chegais ao coração da Igreja para visitar o Sucessor de Pedro. Vindes representar um complexo tecido de raças, culturas e línguas; contudo, a diversidade é transcendida na nossa comunhão no Corpo de Cristo, a Igreja.

2. A história da evangelização nos vossos Países não é longa, mas já é rica dos frutos da santidade, da justiça e da paz que só o Evangelho pode produzir. Sois testemunhas da obra heróica dos missionários que plantaram a semente da fé no coração do vosso povo. Eles são os homens e as mulheres, sacerdotes e religiosos que, ao escutarem a chamada de Cristo e ao abandonarem aquilo que era naturalmente seu, trouxeram esta mensagem aos povos que representais.

Pregaram no Seu nome e a pregação deles não se difundiu «somente com palavras, mas também com poder, com o Espírito Santo e com convicção» (1 Ts 1, 5). Pregaram com o testemunho da sua vida, alguns também com a própria morte. Foi sobretudo este sacrifício, inserido no mistério pascal da morte e da ressurreição do Senhor, que abriu o coração humano à paz do Espírito Santo. Agora são necessários novos desenvolvimentos na evangelização, mas os sacrifícios dos primeiros missionários e, em particular, de mártires como São Pedro Chanel e o Beato Diego de São Vitores, não devem ser esquecidos. Com efeito, ao aproximarmo-nos do Grande Jubileu do Ano 2000, devemos evocar e narrar a sua história com gratidão e alegria sinceras.

3. Viveis actualmente nos vossos diversos Países um período de mudança profunda. A recente fase pós-colonial da vossa história já foi superada. A independência já não é uma experiência nova, ainda que o fortalecimento da liberdade e dos direitos civis permaneça uma tarefa urgente. Os vossos povos estão perturbados pelas dificuldades de alcançar o desenvolvimento e o bem-estar a que aspiram, sobretudo hoje, enquanto na região Ásia-Pacífico surgiu, de modo inesperado, uma instabilidade económica e também política. Houve um tempo em que os oceanos mantinham as vossas sociedades isoladas, mas estes mesmos oceanos tornaram-se agora vias que trazem outras culturas, que se fundiram com a vossa. O rápido desenvolvimento das comunicações conduz a um processo de globalização cultural, que já exerce um grande impacto sobre as vossas sociedades. Alguns efeitos são positivos, outros, porém, são sem dúvida negativos. Numa semelhante situação, os Pastores da Igreja devem demonstrar sabedoria no seu discernimento e de coragem nas suas decisões.

É paradoxal que o processo para uma maior unificação, prometido pela globalização, conduza às vezes a divisões e a perdas de identidade. Em vez de promover um espírito de cooperação e de solidariedade, isto pode gerar uma atitude de «salve-se quem puder» no interior das nações e entre elas. Isto pode significar a exploração das nações mais débeis por parte das mais fortes; pode também significar a corrupção que separa os chefes do povo ao qual devem servir; por fim, pode desencadear conflitos entre interesses divergentes, de maneira a tornar impossível organizar a sociedade baseada no bem comum. A voz dos Bispos deve manifestar-se claramente a favor do espírito de cooperação e de solidariedade, o único que pode garantir o bem-estar dos vossos povos.

Para a Igreja que está nas nações do Pacífico, nenhuma tarefa é hoje mais necessária do que a nova evangelização, para responder às necessidades das circunstâncias presentes, que mudam rapidamente. A nova evangelização constitui a próxima etapa da *plantatio Ecclesiae* nas vossas ilhas, e exige que o Evangelho seja anunciado de modo novo no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão (cf. *Veritatis splendor*, 106). Isto não quer dizer que os modos de agir dos primeiros missionários não tenham sido bem concebidos e aplicados; ao contrário, naquele tempo estavam concebidos e aplicados de maneira magnífica. Contudo, a mutável situação que hoje deveis enfrentar apresenta novos desafios, o que não requererá menos imaginação nem menos coragem do que aquelas demonstradas pelos missionários. A tarefa pode parecer enorme, caros Irmãos, mas «Aquele que vos chama é fiel; Ele o realizará!» (1 Ts 5, 24).

4. A evangelização requer um esforço notável por parte dos vossos Países, esforço que, na primeira fase da sua história, foi realizado pelos missionários. Não será, porém, o mesmo para a nova fase. Como Sucessores dos Apóstolos, vós, Bispos, sois os primeiros agentes de evangelização; os vossos colaboradores mais directos são os sacerdotes e os religiosos, aqueles que são missionários como os autóctones que Deus chama no seio das vossas comunidades. Os leigos estão, mais do que nunca, prontos a desempenhar um papel decisivo nesta nova fase de evangelização,

respondendo à sua vocação particular no contexto da natureza polifónica e hierárquica da Igreja. Desejo, portanto, reflectir brevemente convosco sobre alguns aspectos da relação entre Bispos, sacerdotes e leigos.

O papel do Bispo, enquanto primeiro agente de evangelização, faz dele o primeiro servidor da comunhão. Este serviço tem diversas implicações, mas nenhuma é tão importante como o fortalecimento dos vínculos da graça, da cooperação e da amizade entre o Bispo e os seus sacerdotes. Isto pode ser difícil, tendo-se em conta o facto que na administração quotidiana das Dioceses e das paróquias, nem sempre é fácil encontrar o tempo e a energia requeridos pela edificação da comunhão. Entretanto, é essencial que seja assim. Além disso, nalgumas culturas, costumes tradicionais e sistemas de governo podem influenciar o exercício do poder por parte do Bispo, tendendo a fazer dele uma figura distante e não um pai, sempre desejoso e capaz de escutar os seus sacerdotes e o seu povo. Às vezes é necessário que o Bispo, no seu modo de governar, vá ao encontro da cultura, com a clara compreensão - tão importante para a nova evangelização - de que a inculturação da fé não significa dever conferir à cultura um carácter absoluto, a ponto de não a poder pôr em discussão ou avigorar algum elemento.

5. Métodos de liderança que sublinham o privilégio em vez do serviço, criam sempre problemas no relacionamento entre sacerdotes e leigos. Por isto é importante que os seminários e as casas de formação ensinem um tipo de liderança, que seja plenamente orientado para o serviço e cumule os candidatos do mesmo zelo de anunciar o Evangelho que observamos nos primeiros missionários. Isto requererá um vigoroso impulso para a espiritualidade da Cruz, o dom total de si, que só se adquire com dificuldade, mas sem o qual o ministério sacerdotal se torna uma forma de serviço a si mesmo e de autoglorificação. Nos seus anos de preparação, os candidatos à ordenação sacerdotal devem compreender a verdade, isto é, que esta oblação é a única via para uma vida sacerdotal verdadeiramente satisfatória, que é a condição essencial para uma existência de alegria duradoura. Sem ela, a vida sacerdotal pode tornar-se amarga e insatisfeita e levar a comportamentos destruidores. É um sinal de esperança que na parte do mundo em que viveis actualmente haja um bom número de vocações; é importante que estes candidatos sejam formados para se tornarem autênticos servidores de Cristo e da Igreja, que saibam agir em harmonia e em obediência ao Bispo e em estreita colaboração com os religiosos e os fiéis leigos. O papel dos leigos

6. Nos últimos anos, os leigos assumiram cada vez maiores responsabilidades no seio da comunidade eclesial, não só porque os sacerdotes nem sempre estão disponíveis, mas também porque é a obra do Espírito Santo. Contudo, às vezes, a responsabilidade laical foi ressaltada dum modo que a põe em contraste com o ministério sacerdotal. A verdade é que a liderança sacerdotal e a responsabilidade laical são complementares: lá onde a responsabilidade laical é exercida de maneira correcta, o ministério sacerdotal emerge em toda a sua riqueza e vice-versa. As duas vocações devem ser cuidadosamente distinguidas, mas não separadas, de maneira que possam trabalhar juntas naquela profunda harmonia que a natureza da Igreja, dada por Deus, presume. As vocações sacerdotais florescem em situações em que sacerdotes e leigos cooperam, a fim de se enriquecerem reciprocamente.

Numa época de mudanças radicais, com todas as incertezas que isto comporta, é importante como nunca que a Igreja prepare mulheres e homens leigos para assumirem papéis de liderança na sociedade, que promovam o bem comum (cf. *Christifideles laici*, 42-43). As vossas Igrejas particulares são sempre mais abençoadas pela presença de homens e de mulheres, que desempenham um papel activo na liturgia, na catequese e noutras formas de serviço cristão. Isto é motivo de grande satisfação, mas não basta. O particular contributo laical na obra do Evangelho deve conseguir

interessar aqueles vastos sectores da vida e da cultura humanas, que superam os confins da comunidade eclesial numa sociedade sempre mais secularizada.

Em particular, a partir do Concílio Vaticano II, o Magistério sublinhou com coerência o carisma secular da vocação laical (cf. *Lumen gentium*, 31; *Evangelii nuntiandi*, 70; *Christifideles laici*, 17). Isto significa que o campo principal da obra de evangelização dos leigos é o mundo secular da família, do trabalho, da política, da cultura, da vida profissional e intelectual. A eficácia com que realizarem esta obra determinará a eficácia da nova fase de evangelização do Pacífico.

Formar os leigos para esta tarefa requer uma atenção unânime no que se refere à teologia da vocação laical e à doutrina social da Igreja, em particular àqueles valores e princípios que forjam a compreensão católica da lei natural e do bem comum. Todos os cristãos deveriam possuir um sentido inabalável do supremo valor da vida humana, da dignidade inalienável da pessoa humana e da importância singular da família, como célula primária da sociedade. O abandono destes pontos de referência moral é o fulcro da secularização destruidora. Visto que são abandonados só quando Deus é excluído do mundo e do coração humano, é preciso ensinar aos leigos um modo de orar, que os abra sempre mais ao mistério da providência amorosa de Deus em todos os aspectos da vida. É necessário um grande esforço também no campo da educação, com todas as instituições educativas das vossas Igrejas particulares, que contribuem para a formação cristã dos jovens. Essa educação, longe de agravar a erosão daquilo que existe de positivo nos modos tradicionais de viver das vossas sociedades, promoverá os valores que eles encarnam e levará àquela convergência entre as tradições do Pacífico e a doutrina católica, que a inculturação do Evangelho exige.

7. As Igrejas a que presidis no amor de Cristo, fazem parte do mundo da Oceânia, um nome que sugere que tenha sido a água, a grande distância do Oceano Pacífico, que determinou a vossa história e cultura. Entretanto, há uma água de tipo diferente, a do Baptismo, que revela a vossa identidade a um nível mais profundo. Os cristãos do Pacífico foram sepultados com Cristo no Baptismo e com Ele ressurgiram para a vida nova (cf. *Rm* 6, 4). Que o Espírito Santo actue de novo profundamente no vosso coração, caros Irmãos, e no coração do vosso povo, de maneira que, ao celebrar o Grande Jubileu do Ano 2000 e ao entrar no novo milénio, toda a Igreja no Pacífico «entre no oceano de luz da Trindade» (*Carta aos Sacerdotes 1998*, n. 7). A renovação espiritual que deverá acompanhar o Jubileu, fornecerá as energias necessárias à evangelização e à tarefa missionária que deveis enfrentar, ao apostolado de catequese e à formação cristã, à defesa da vida e da dignidade humanas, e à aplicação da doutrina social católica às questões políticas, económicas e culturais. Que Maria, Estrela do Mar e Estrela da Evangelização, vos conduza ao porto seguro onde «não haverá mais noite e não precisarão de lâmpadas nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus os iluminará e eles reinarão pelos séculos dos séculos» (*Ap* 22, 5). No amor de Jesus Cristo que é «o caminho, a verdade e a vida» (*Jo* 14, 6), concedo de coração a Bênção Apostólica a vós, aos sacerdotes, aos religiosos e aos leigos das vossas terras.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana